

O PEÃO E A RAINHA

E2 para E4. O som do regresso do peão branco ao tabuleiro de xadrez acabou abafado pela violência da chuva e do vento que assaltavam o lado de fora da janela. O velho sentado na cadeira de rodas analisou a disposição das peças à sua frente, e todas as possíveis variações que dali em diante poderiam ocorrer. Após observar longamente o conjunto de pinho eximamente esculpido, recostou-se na cadeira, não porque estivesse satisfeito com qualquer conclusão alcançada sobre os próximos movimentos, mas antes porque uma guinada de dor lhe atingiu o fundo das costas como uma agulha em brasa.

-É a tua vez. – Tremulou com a voz saída dos lábios esbranquiçados, enterrados numa face estriada pelo tempo.

Não houve resposta. Nem poderia haver, já que do outro lado do tabuleiro, do outro lado da mesa de madeira laminada, nada mais havia senão uma cadeira almofadada vazia. Ninguém para jogar a primeira peça preta. Ninguém para responder à sua abertura e dar assim início ao bailado enxadrista. O velho não olhou para o espaço vazio, como se fosse irrelevante o facto de não estar ali ninguém para dar continuidade à partida que iniciara. Ao invés, continuou de olhos vermelhos e humedecidos, avaliando como um general, a precoce organização dos dois pequenos exércitos esculpidos. Lá fora, a chuva tornava-se granizo, e o vento transformou-se em vendaval, revoltados por não os deixarem entrar no quarto e poderem dessa forma lançar o caos sobre o seu interior. E como poderiam o vento e chuva resistir ao desejo de revirar aquele quarto, forrado nas quatro paredes por estantes de livros. Saísse aquela janela da frente, e as pobres cortinas alvas seriam as suas primeiras vítimas, talvez até se revelassem aliadas e ajudassem a derrubar as peças de xadrez, ou até a garrafa de água semicheia. Seguir-se-iam os papéis de manuscritos espalhados pela segunda mesa que se encontrava no centro da pequena sala, ao lado da poltrona de tecido azul escuro. Raios, quiçá o candeeiro pendurado no teto, julgando-se inabalável em todo o seu peso e verticalidade. Nem ele escaparia à fúria do casal mais cúmplice dos elementos. Pobre homem, de mãos torcidas e tremulas, que pouco poderia fazer para evitar tal caos. Ficaram-se os planos da chuva e do vento pelos sonhos, destruídos pela força transparente de uma janela.

-Imagino que jogasses o peão do rei. – Disse o homem, franzindo a testa sob a áurea de caracóis brancos. – Um pouco previsível, não achas? – e ninguém respondeu.

Virou lentamente a cabeça para a direita, espreitando pela janela fustigada pela fúria da intempérie, e de tal maneira se abatia contra o vidro que não permitia ver para além dele. O velho não se importou. Quem o visse, juraria que procurava antes levantar os nevoeiros que lhe envolviam as memórias.

-Avô? - A voz cândida e suave veio da porta do quarto e fê-lo regressar rapidamente a um espaço que parecia ter abandonado por alguns instantes. Inclinou-se o melhor que o corpo lhe permitiu, para encarar quem o interpelava. Encontrou uma menina, de longos cabelos castanhos lisos, de vestido vermelho caído abaixo dos joelhos franzinos. -Trouxe um copo de chá. –

Completo ela, exibindo um copo preenchido com a bebida anunciada, seguro entre as duas pequenas mãos desconfiadas da missão de manter o líquido âmbar no interior.

O velho lançou-lhe um sorriso largo.

-Obrigado. – Disse ele, pousando a mão sobre o tampo da mesa, ao lado do tabuleiro de xadrez, indicando o sítio onde a preciosa carga deveria ser entregue. A menina avançou, rápida, e de movimentos imprecisos, desejando terminar com rapidez uma tarefa demasiado árdua, cujo insucesso poderia resultar em consequências catastróficas. Chegando ao pé do velho, assentou o copo no local indicado e suspirou todo o ar que prendera nos pequenos pulmões. O avô sorriu um novo agradecimento, agarrou o copo com uma maior tremedura do que a neta enfrentara e bebericou o chá, como se quisesse dar à criança a conclusão que a sua difícil empreitada merecia. Ela ficou contente e demonstrou-o exibindo a ausência dos dois dentes incisivos frontais. Uma vez livre da responsabilidade, saltitou em redor da mesa e foi sentar-se na cadeira vazia em frente ao tabuleiro.

-Estás a jogar xadrez?

-Sim.

A menina refletiu na resposta, com o esforço próprio da sua aparente meia dúzia de anos.

-Mas estás a jogar com quem?

-Com quem já cá não está. - A resposta desconcertou-a, e o homem percebeu que a dissera mais para si próprio do que para satisfazer a curiosidade da criança. Sentiu que, inadvertidamente, a lançara num enigma que talvez fosse demasiado para a pequena enfrentar. Decidiu então salvar a da própria armadilha. -Queres jogar?

A criança olhou para ele como quem acaba de sair de uma ratoeira para se encaminhar para outra.

-Tu ganhas-me sempre. – Resmungou com ar de desconfiada.

-Isso não é verdade. - Respondeu ele rindo-se com a sinceridade que os pulmões lhe permitiam.

- Lembras-te daquela vez? Jogaste muito bem e venceste-me.

-Oh, isso não conta. Tu deixaste-me ganhar.

O velho riu-se, tanto da perspicácia na neta como do seu próprio falhanço de a tentar enganar.

Antes que ele recuperasse a regularidade da respiração, já ela se lançava decidida sobre o tabuleiro e agarrava no peão preto de E7. Nem pareciam os mesmos dedos inseguros que momentos antes haviam segurado um copo de chá de forma tão nervosa. Sem pensar, depositou a peça em E5, deixando os dois peões adversários frente a frente.

O velho dobrou-se para a frente e avançou com o peão que repousava em frente ao bispo para C3.

Ela estacou, surpreendida pela movimentação. Investiu largos segundos a analisar a nova composição e apercebeu-se de algo aterrador.

-Nunca jogaste esse peão. Nunca fizeste essa abertura.

Ele não esboçou qualquer expressão, como se, de repente, tivesse transitado para uma partida de poker e não quisesse denunciar o jogo à pequena adversária, mas se é verdade que o poker

tem uma considerável componente de sorte, já o Xadrez é uma dança de intenções, cujo destino nada tem a ver com sortes ou falta delas. A menina sabia-o. Fora uma das primeiras lições que o avô lhe transmitira pouco anos antes, quando a colocou pela primeira vez em frente aquele mesmo tabuleiro. Como resultado dos seus cálculos, das duas, uma... Ou o avô tinha propositadamente cometido um erro de forma a abrir-lhe uma possibilidade de vitória, ou seria esta uma nova e desconhecida abordagem que a obrigaria a alterar todos os planos e deitar por terra todos os ensaios que aprendera até aquele dia. Decidiu enfrentar o desconhecido, adaptando-se à nova formula do avô. Jogou o peão preto para C6, abrindo caminha à saída precoce da sua rainha. Ele avançou com a rainha até A4. Ela viu o padrão, lendo-o como se fosse um livro infantil. Percebendo o que as peças lhe diziam, saltou da cadeira.

-Estás outra vez a deixar-me ganhar, avô!

-Ora essa! Quem te deu essa ideia?

-Repara. – Apontando com o esguio indicador da mão direita, desatou a desenhar linhas e trajetos imaginários, ilustrando energeticamente os seus cálculos. – Estás a ver a tua rainha? Se eu jogar para aqui, tu vais jogar para ali, e depois eu jogo para ali e como a tua rainha.

Ele riu-se tão alto que os pulmões cederam, transformando as gargalhadas numa tosse incontável que por momentos chegou a assustar a criança, que só sossegou quando o homem repôs o compasso do fluxo de ar.

-Diz-me, qual é a peça mais poderosa numa partida de xadrez?

-A rainha, claro. Consegue movimentar-se quantas casas quiser, em todas as direções.

-Lembras-te da última partida que jogamos?

-Claro que me lembro. - Resmungou ela franzindo o sobrolho -Tu ganhaste... Outra vez.

-E lembras-te como ganhei?

-Sim. Promoves-te um peão a torre e eu fiquei encurralada.

-Qual dirias que foi a peça mais poderosa naquele momento?

Ela percorreu o cenário que o avô lhe montara na cabeça e rapidamente chegou a uma inesperada conclusão.

-O peão?

Ele anuiu.

-Sim. O peão. Um simples peão desceu até à última linha e transformou-se numa torre, deixando o teu rei em xeque-mate. – Ela ouvia, absorvendo cada palavra do avô, como fazia sempre que ele contava uma das suas famosas histórias. – As vezes, Adília, só precisas de um peão no sítio certo e no momento certo para vencer.

A pequena Adília ficou estática a olhar para o tabuleiro, desmontando a ideia preconcebida que tinha sobre aquela partida. Percebeu então que se abriam ali novas possibilidades que a colocavam numa posição muito difícil. O avô leu-lhe as feições e procurou amparar as indagações da pequena.

-E isto – continuou ele – é tão válido no xadrez, como na vida.

Os olhos dela abandonaram o tabuleiro para enfrentar o sorriso dele.

-Sabes, há muito anos, havia um rapaz, um motorista de autocarros, desses que andam por aí a transportar pessoas. Trabalhava numa empresa grande, tu provavelmente até já ouviste falar nela.

O rapaz gostava muito do que fazia. Adorava conduzir, e viajar de terra e terra, transportando pessoas para cima e para baixo. Mas mais do que gostar de conduzir, ele gostava de observar as pessoas. Divertia-se tentando adivinhar as vidas, não só dos seus passageiros, mas dos outros também, dos que passavam nas ruas. Às vezes, lá se distraía num semáforo luminoso, porque ficava a observar os clientes de uma esplanada de café, ou aqueles que caminhavam pelos passeios... e lá vinha a buzina dela, lembrando-o de que o sinal passara a verde e estava na hora de seguir viagem.

Já trabalhava naquela empresa há alguns anos, por isso, era bastante conhecido entre os passageiros e os colegas.

Ora, num momento da transformação da empresa, o chefe do rapaz, sabendo que vinham aí mudanças muito importantes, percebeu que precisava de alguém que ajudasse nesse processo. Sabendo da capacidade do rapaz para lidar com os outros, convidou-o a tornar-se num tutor...

-O que é um tutor? – Perguntou a criança.

-Um tutor é alguém que apoia e ensina outra pessoa.

-Como tu? És meu... tutor de xadrez? – O velho pareceu desconcertado com a conclusão, mas aceitou.

-Sim, exatamente. Continuando.... Convidou-o a tornar-se tutor, não só dos novos motoristas que iam chegando, mas também dos mais antigos, que precisavam de reaprender novas coisas de forma a corresponderem à nova realidade da empresa.

Por causa destas suas novas funções, o rapaz passou a ficar lá no parque dos autocarros, deixando de conduzir tanto quanto gostava, e como ficava mais tempo na empresa, aos poucos foi conhecendo outros colegas que também lá trabalhavam nos escritórios, mas que nunca tinha tido a oportunidade de conhecer.

Um dia, estava o rapaz nas arcadas exteriores do edifício, convivendo com os amigos e colegas. Era um dia com muitas nuvens, mas fazia calor, o que era estranho porque já estávamos em meados de novembro. O rapaz conversava alegremente com os amigos motoristas quando de repente ela apareceu. – A pausa que o velho fez deixou a pequena Adília em choque, de tal maneira que se debruçou demais e deitou duas peças para fora do tabuleiro de xadrez com o cotovelo.

-Ela? - Perguntou impaciente – Ela quem?

Ele olhou para a janela e até a chuva pareceu abrandar, suspensa pela curiosidade.

-Era a mulher mais linda que ele já vira. Subiu os degraus de acesso às arcadas como se fosse uma sereia que acabava de sair do mar. Para ele, tudo se tornou turvo e os sons perderam-se. Só ela, conseguiu preencher-lhe todos os sentidos. Tinha os cabelos castanho lisos, compridos, caindo sobre os ombros como uma cascata dourada. Tinha um vestido comprido, vermelho, que

lhe cobriu o horizonte como o sol do entardecer. Trazia uma boina vermelha como a coroa de uma rainha. Deslizou em frente ao rapaz, e apesar de cumprimentar todos à sua passagem, não olhou para ele. Não reparou como o brilho do seu sorriso lhe queimava o olhar, e ainda assim, ele se recusava pestanejar. Na verdade, o rapaz não se conseguia mexer. Ficou preso ao chão de cabeça nas nuvens. Ela afastou-se, como um sonho impossível, e ele, um mero peão, sentiu-se tão pequeno, perante o esplendor daquela rainha.

Quando ela entrou no edifício, a nevoa foi-se dissipando e ele voltou à terra dos acordados. Pressentiu que alguma coisa tinha mudado no mundo. Olhou em redor buscando as mudanças, mas continuava tudo igual... Os autocarros estacionados, continuavam estacionados; os colegas conversadores, continuavam a conversar; o calor prosseguia quente... E foi então que percebeu que o mundo não mudara.... Fora ele quem mudara... E foi ela quem o mudou.

O velho fez outra pausa para beber mais um gole do leite.

-Avô?

-Sim?

-É só isso? De todas as histórias que já contaste, essa é a mais triste.

O velho sorriu e limpou os lábios com as costas da mão antes de continuar.

-Que raio de história de xadrez seria esta se acabasse na abertura.

Ela pareceu apaziguada e ele continuou.

- O rapaz lá prosseguiu o seu trabalho, ajudando aqui e ali, conforme as novas necessidades da empresa. Ora, ensinando, ora aprendendo. Como as coisas pareciam estar encaminhadas, e como forma de reconhecimento, o chefe do rapaz propôs-lhe outro desafio: Tornar-se controlador de tráfego. Claro que o rapaz aceitou prontamente, ou não gostasse ele de desafios. Não durou muito na tarefa, porque pouco tempo volvido, foi chamado ao gabinete do diretor, que lhe lançou um outro desafio.

-Coitado do rapaz, que passava a vida a ser desafiado.

O velho riu-se, mas, atempadamente, conseguiu controlar a respiração antes da chegada dos espasmos da tosse.

-Desta vez, propuseram-lhe trabalhar nos computadores. Ora ele até tinha algum jeito para a coisa, mas uma empresa daquele tamanho não iria ser uma tarefa fácil. Como ele já conhecia os colegas do departamento, e no fundo era um sonho há muito adormecido, decidiu agarrar a oportunidade e aceitou mais este desafio.

Nesse mesmo dia, o novo chefe do nosso peão, levou-o de gabinete em gabinete, apresentando-o aos colegas dos diversos departamentos. Seguiram o corredor do edifício e entraram em todas as portas. Sala a sala, lá foram apresentando o novo técnico dos computadores. Ele reconheceu algumas caras, com as quais já se havia cruzado aqui e ali ao longo dos anos, agora eram-lhe apresentados os nomes.... Demasiados nomes para decorar numa primeira abordagem.

E eis que chegaram à última sala. A sala do Departamento Financeiro. No interior, cinco mulheres martelavam teclados, esgrimindo argumentos refletidos nos monitores. À entrada dos dois homens, a teclas pararam e as cinco mulheres olharam-nos com alguma surpresa... E ali estava ela novamente. Sentada no seu trono de números e folhas de cálculo. Reinando sobre logicas

aritméticas sem saber que lhe adicionava batimentos ao coração, enquanto lhe subtraía a capacidade de respirar. Nenhuma fórmula poderia calcular o que lhe preencheria as células do corpo. O chefe apontou aos sorrisos das cinco mulheres, nomeando cada uma delas, mas o rapaz apenas ouviu o nome “Carla”. Finalmente, a criatura que florescera do vazio algum tempo antes, tinha um nome, e gravou-o como uma tatuagem na sua própria existência.

Daí em diante, ele visitava o departamento, como parte das suas novas funções. Era um trabalho difícil, ao qual ele sabia que tinha de corresponder, e alguns dias eram tão difíceis que lhe davam poucas possibilidades de pensar em algo que não fosse o trabalho. Dia e noite, o rapaz entregava-se às missões que lhe haviam sido conferidas, com a inabalável vontade de fazer a diferença.

Certo dia, um qualquer problema em um qualquer computador, fizeram com que tivesse de visitar o novamente o departamento financeiro. Ainda não tinha entrado na sala e já um som familiar lhe chegava aos ouvidos. Quando abriu a porta, apercebeu-se de que o som vinha do computador de Carla, e a razão pela qual lhe era familiar, era porque se tratava de uma música que ele ouvira nos seus tempos de juventude. Abraçou a agradável surpresa, dizendo exatamente isso à sua inalcançável rainha. Ela pareceu ficar surpreendida, mas sorriu contente por ter feito a diferença no dia daquele rapaz. E sempre que havia um problema no departamento financeiro, lá ia ele, e sempre que ia, lá estava uma música no computador dela, que lhe trazia uma memória atrelada a um significado. Ela tornou-se numa espécie de provedora de memórias e ele deu por si a revisitar os momentos mais importantes da sua própria vida, à boleia das melodias com que ela o presenteava, mesmo sem o saber.

Um dia, no meio do absoluto caos de trabalho no qual mergulhava, o telemóvel dele tocou. Até aqui, nada de anormal, já que o telemóvel tocar a todo o instante, fazia parte dos seus dias. Reconheceu a notificação de uma nova mensagem e puxou do equipamento perguntando-se sobre que novo problema teria para resolver. O que o ecrã do pequeno aparelho lhe revelou, deixou-o atónito e sem respiração. A parte superior do ecrã exibia um nome... Carla. O rapaz abriu a mensagem, que na verdade eram duas, duas músicas de uma banda espanhola. Ele nunca ouvira aquelas músicas, mas de um momento para o outro, haviam-se tornado tão importantes como todas as outras. Ele ouviu e respondeu-lhe à mensagem... E veio o segundo choque: ela respondeu de volta. Ele estava hipnotizado. De repente, a rainha partilhava um pouco de si com o peão.

Maravilhado, ele bebia as palavras dela e com o passar do tempo, também ela se começou a alimentar das palavras dele. No início, música. Apenas música, que ele ouvia avidamente como se fossem cantadas por ela própria. Esgravatava cada canção como um arqueólogo, em busca de algum sinal que lhe desse a esperança de algo que sabia ser impossível, e no entanto, que raio, ele estava a partilhar aqueles momentos com ela, a sós com ela, não num qualquer corredor cheio de gente, não numa sala de departamento, mas ali, naquele pequeno ecrã de telemóvel, transformado em Asteroide B612. O pobre coração dele disparava a cada mensagem, mas cedo percebeu que era tão fácil falar com ela, e pelas reações dela, acreditava que também ela partilhava desse sentimento. As músicas foram abrindo espaço a outros assuntos. Filmes, livros, poesia, Amélie, risos... tantos risos, se faz algum sentido usar outra expressão quando se busca a felicidade. O perigo da palavra anunciada pairava sobre os dois, e chegou a haver uma tentativa de afastamento. Durante esse tempo ele descobriu que não conseguia dormir e que as cores se haviam tornado cinza, mas foi um silêncio que se revelou necessário, pois o que seria da água, sem a sede que lhe precede. Durou poucos dias, claro está, e as palavras entre os dois voltaram a jorrar como um riacho que se ia tornando num rio navegável. Ele era de Lisboa, ela de Chaves,

ela adorava dançar, ele prometeu aprender, ela adorava musicais, ele não lhes achava grande piada, ela adorava poesia, ele escreveu-lhe um poema, ele queria o coração dela, ela deu-lhe um de chocolate, ela comia gelado com batatas fritas, o que ele achava uma aberração, mas depois de ter provado... continuou a achar uma aberração. Apesar de tudo, convergiam em tantas coisas que por vezes pareciam almas espelhadas. Ele chamava-a “pequeno pássaro”, ela chamava-o de “palerma”, ela chamava-o “Nestum”, ele chamava-a “princesa” ... e quando ele finalmente a chamou de “amor”, ela chamou-o de “amor”. Depois de as palavras se encaixarem como peças de lego, foi a vez dos lábios, primeiro, um beijo roubado por ele, depois, mil beijos oferecidos por ela, e o alinhamento perfeito dos dedos, exigido por dois corpos febris, que já não respondiam a noções, mas antes a fomes. - O velho só se apercebeu de que disparava as palavras quase sem respirar, quando finalmente se lhe terminou o ar dos pulmões. Tossiu antes de prosseguir, desta feita, de forma mais pausada - Mas sabes de uma coisa, Adília? – a menina não respondeu, sabendo que a resposta chegaria sem ter de pedir. – A vida, tal como um jogo de xadrez, não é feita apenas de avanços e vitórias. Também é feita de impasses e recuos.

Os olhos do velho humedeceram e desviou-os para a chuva e para o vento que pareciam complacentes. A menina sentiu a quebra do homem e ficou sem saber o que dizer... Nem foi necessário, porque ele voltou ao relato, poupando-a ao esforço de um reconforto que julgava não ser capaz de conceder.

-Também aqui havia um rei. Um rei que mantinha a rainha prisioneira.

-Um rei mau. – Concluiu ela.

-Não. Na verdade, não era um rei mau, mas antes... um rei perdido.

-Mas, - interrompeu ela confusa – Se o rapaz gostava dela, e ela gostava dele, e ela estava presa por um rei, esse rei não era mau?

-Às vezes, o que nos prende não são as pessoas. O que nos prende são os contextos. Construções que não podem ser simplesmente deitadas abaixo, compreendes? Outros dependem disso e poderiam sair magoados. Este rei, amava profundamente a sua rainha, mas perdeu a noção de como se deve amar alguém. Esqueceu-se de que até as flores mais resistentes precisam de ser nutridas e cuidadas, e a rainha, tantas vezes rechaçada e descuidada por ele, caía agora lentamente no embalo de um novo amor, e foi-se afastando do rei. As lágrimas que se haviam secado nela, escorriam agora pela face de um rei que percebeu tarde demais que, na verdade, fora ele quem a abandonara. Talvez pensasse que, apesar de tudo, ela seria sua para sempre, e quando julgamos que alguém nos pertence, é nesse momento que a perdemos de vez.

Foram tempos complicados, aqueles, em que duas almas desejosas por se fundirem numa só, sabiam que não o podiam fazer sem fazer ruir castelos e magoar quem neles habitava. – Olhou novamente para a pequena Adília – Mas queres saber uma coisa maravilhosa? – Sussurrou como se se preparasse para desvendar o mais belo de todos os segredos. Os olhos da menina brilharam com o sorriso subitamente rejuvenescido do avô – Todo o sofrimento acaba por desvanecer, e a esperança nasce como um feto que brota da terra queimada. É verdade que a rainha sofria, mas o rapaz partilhava da dor dela, e procurava por todos os meios alegrá-la, transmitindo-lhe mensagens de coragem e de esperança. E foi assim que, pouco a pouco, a rainha percebeu que o seu pequeno peão, não era mais um peão. Ele havia crescido no seu coração e evoluído para uma torre, grande e poderosa, capaz de a proteger de tudo e de todos, construída pela única matéria-prima que a poderia edificar – O avô inclinou-se para a frente, apontando-lhe o

indicador á pequena face iluminada. - o Amor. – a criança sentiu o calor das palavras invadirem-lhe a espírito. O velho voltou a recostar-se na cadeira de rodas que abalou com o movimento.

-Então o rapaz e a rainha ficaram juntos.

-Claro que sim. Tiveram de ser pacientes e passar por muitas provações, mas sabiam que o maior motor do destino é a vontade, e isso eles tinham de sobra. Acabaram por ficar juntos e viveram muito felizes... e não havia reis, cavalos ou bispos que os pudessem impedir.

Lá fora a chuva voltara a intensificar a força do ataque contra o vidro. Adília olhava, ora para o avô, ora para o tabuleiro de xadrez, já parcialmente descomposto pela cotovelada que anteriormente lhe infligira e que removera duas peças para o tampo da mesa. Procurou absorver a história que o avô lhe contara, imaginando as personagens nas peças que se estendiam diante de si.

-Parece que pariu uma galega. – Disse o homem observando a chuva furiosa na janela.

Subitamente, passos anunciaram uma nova presença à porta do quarto. Avô e neta viraram as cabeças para encontrar uma mulher idosa que se aproximava lentamente.

-Avó. - Disse a pequena Adília, saltando da cadeira para se ir agarrar ao avental manchado da mulher, que quase fora lançada à carpete do quarto com a repentinidade do movimento. Ela sorriu e envolveu o corpo da menina com os seus braços esguios.

O velho homem na cadeira de rodas, olhou para a mulher recém-chegada, e tal como tantas vezes antes, não pode deixar de se maravilhar com a sua presença. Continuava a mulher mais linda que já vira. Mais uma vez, de tantas outras vezes, tudo se tornou turvo e os sons perderam-se. Ainda o encadeava e ele ainda teimava em não pestanejar, temendo que, ao fim de tanto tempo, a mulher se pudesse esfumar em pleno ar, revelando-se nada mais do que um sonho. Ela tinha os cabelos brancos grisalhos, compridos, caindo sobre os ombros como uma cascata de prata. Sob o avental, trazia um vestido comprido, amarelo, que lhe cobriu o horizonte como o sol do amanhecer.

-O que estão aqui a fazer? – Perguntou a ela alternando o olhar entre a criança e o velho da cadeira de rodas. – Já estão todos na sala à vossa espera.

A criança puxou os braços da avó, que se viu obrigada a descer até à sua pequena estatura, ficando à mercê dos lábios da pequena que lhe brindaram a face com um beijo ternurento, mas que quase lhe arrancava os óculos de lentes redondas.

-Parabéns, avó. Feliz aniversário.

O sorriso da mulher iluminou os cantos mais escuros da pequena sala.

-Obrigada, meu amor.

E com isto, a pequena correu desengonçadamente para fora da sala, em busca de outros alvos.

Fugida a criança, ali ficou casal de idosos. Ela olhou para o homem, só para se aperceber de que os olhos dele não se haviam desviado uma única vez de si.

-O que foi? – Perguntou ela aproximando-se dele.

-Amo-te. – a resposta foi pronta, sem ensaios, ou não tivesse sido repetida todos os dias nas últimas décadas.

Ela sorriu, por detrás dos óculos, mas não se mostrou surpreendida. Ouvira-o dizer a mesma frase durante mais de doze mil dias seguidos, sem que alguma vez tenha falhado um único. Mesmo quando, uns anos antes, uma doença o atingira e quase lhe retirara a capacidade de falar, dissera-o, com o esforço desumano de quem sabe que poderiam ser aquelas as suas últimas palavras.

-Eu também te amo. – Respondeu ela. - Muito. – Aproximou-se e beijou-lhe a testa acima das pestanas brancas. – Agora vamos, que estão todos à mesa à nossa espera.

Com a mestria de quem repete o mesmo gesto inúmeras vezes, destrancou o travão da cadeira de rodas com o pé, puxando-a para si. Depois, rodou-a para a esquerda e empurrou-a lentamente pelo quarto em direção à porta.

-Carla?

-Sim, Paulo?

-Há gelado com batatas fritas?

Ela riu-se.

-Haverá sempre gelado com batatas fritas.

Carla empurrou Paulo até desaparecerem para lá da porta. Para trás ficou a chuva. Para trás ficou o vento. Para trás ficou um tabuleiro de xadrez ao qual faltavam duas peças, acidentalmente derrubadas pela pequena Adília. Quem parasse para observar melhor, veria uma rainha e um peão, deitados... lado a lado.